

RESENHA

MENEZES NETO, Antonio Julio de. **Movimentos sociais e educação: o MST e o Zapatismo entre a autonomia e a institucionalização.** São Paulo: Alameda, 2016. 214 p.

**Uma análise sobre autonomia e institucionalização dos projetos educativos dos Zapatistas e dos Sem Terra**

CLÁUDIO RODRIGUES DA SILVA\*



No livro “*Movimentos sociais e educação: o MST e o Zapatismo entre a autonomia e a institucionalização*”, publicado em 2016 pela Alameda Casa Editorial, Antonio Julio de Menezes Neto<sup>1</sup> aborda aspectos da educação no Movimento Zapatista, do México, e no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do Brasil. A temática é atual e relevante, envolvendo dois movimentos sociais de trabalhadores conhecidos internacionalmente.

Trata-se de uma produção resultante de Pós-Doutorado desenvolvido no âmbito da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob Supervisão do Professor Roberto Leher, que, nas orelhas do livro, destaca:

O leitor tem em mãos um necessário livro sobre o porvir de dois dos mais destacados e simbólicos movimentos sociais latino-americanos: os zapatistas e o MST. Escrito por um intelectual que dialoga há muitos anos com a formação educacional e política dos movimentos de trabalhadores do campo, a obra discute métodos,

concepções e estratégias de lutas protagonizadas pelos referidos movimentos, particularidades e contradições das Ações Diretas na Educação – seja no âmbito do Estado (escolas, universidades), seja como processo auto-organizado de formação nos ‘caracóis’ zapatistas e nas experiências do MST.

Entre outros procedimentos metodológicos, o autor “[...] buscou entrevistas e artigos divulgados pela imprensa e realizou pesquisa de campo buscando compreender as transformações dos movimentos sociais.” (MENEZES NETO, 2016, p. 14). A parte empírica da pesquisa implicou, dentre outros procedimentos, visita a caracóis zapatistas e entrevistas principalmente com professores vinculados à Universidad Nacional Autónoma de México. Segundo Menezes Neto (2016, p. 8)

O enfoque é nas relações sociais de produção e, para tanto, busco nos escritos de Marx e Engels a referência para minhas análises. Recortei para textos nos quais pudesse lançar um outro olhar no marxismo, que pudesse ajudar na

compreensão das lutas sociais e camponesas na América Latina. E, assim, Mariátegui, o peruano que na primeira metade do século passado fez análises bem atuais, principalmente para compreender o moderno Zapatismo, fará companhia para os dois clássicos da práxis socialista.

O objetivo de Menezes Neto (2016, p. 8), nesse livro, é analisar e identificar “pontos de concordância e de discordância” entre os Zapatistas e os Sem Terra, especialmente no que se refere aos seus projetos educativos, pois “[...] o debate da educação, presente no livro, é fundamental.”, assim como “[...] o debate sobre a ciência e a tecnologia, além de suas diversas concepções e aplicações no processo produtivo.” O autor, coerentemente com o referencial teórico adotado, analisa a questão da educação necessariamente imbricada com os respectivos contextos políticos, econômicos e culturais desses Movimentos e com a geopolítica nacional e internacional.

Além da Introdução – “A desconstrução do socialismo e o neoliberalismo nos anos 1990” –, da Conclusão e da Bibliografia, o livro é composto por quatro capítulos.

No capítulo primeiro, intitulado “Uma leitura marxista da América Latina”, Menezes Neto apresenta discussão sobre aspectos do referencial teórico adotado na pesquisa. Aborda, também, entre outras temáticas, a histórica questão da exploração e da expropriação dos camponeses, bem como o avanço do sistema do capital e principais implicações desse processo para as classes trabalhadoras. Esse capítulo é composto pelos seguintes tópicos: a) Marx e Engels e a sociedade da mercadoria; b) Livre da necessidade natural e social e início da liberdade humana; c) A Natureza para Marx e

Engels; d) Mariátegui e o questionamento ao racionalismo burguês na realidade Latino-Americana; e) Mariátegui e Marx; e f) Conclusões do Capítulo.

“MST: rebeldia ou institucionalização”, segundo capítulo, discute, dentre outros assuntos, aspectos da ascensão do Partido dos Trabalhadores à Presidência da República e a aproximação entre o MST e o Governo Federal, fato que resultou, conforme o autor, na institucionalização desse Movimento. Os tópicos que compõem esse capítulo são: a) MST: da rebeldia revolucionária à rebeldia institucionalizada; b) A penetração do capitalismo no campo; c) A penetração do capitalismo no campo brasileiro; d) O MST e a política institucional no período petista; e) Sistema dual ou contraditório; e f) Conclusões Parciais.

No terceiro capítulo, denominado “Zapatismo: rebeldia e autonomia”, Menezes Neto problematiza dados resultantes da parte da pesquisa empírica no México, em especial sobre a educação do Movimento Zapatista. O autor apresenta, ainda, várias fotografias, dentre outros locais, de San Cristóbal de Las Casas, de San Juan Chamula, de Altamirano, do Caracol de Oventic e do Caracol de Morelia. Nesse capítulo os tópicos são: a) O EZLN: Ações Diretas e Autonomia; b) Zapatismo: pesquisa de campo; c) A Cidade do México e o Zapatismo: impressões; d) San Cristóbal de Las Casas e o Zapatismo; e) O Zapatismo em Chiapas; f) O “Bom Governo”, a autonomia e a administração das “ações diretas”; g) As visitas e a pesquisa de campo nos Caracóis Zapatistas [de Oventic e de Morelia]; h) Autonomia e isolamento?; e i) Conclusões Parciais.

Em “A educação no novo milênio no MST e no Zapatismo”, quarto capítulo,

Menezes Neto trata principalmente das diferenças entre esses dois Movimentos, em especial no que tange à educação e à relação com o Estado. Compõem esse capítulo os tópicos a seguir: a) Educação, Contradição e Emancipação; b) Marx, Engels e a autonomia educacional; c) A educação em Mariátegui; d) Educação no MST; e) A Educação Zapatista – [tópico esse composto pelos seguintes subtópicos: A educação indígena; A educação zapatista; Adentrando a segunda década do novo século; Nos caracóis pesquisados] –; e f) Conclusões Parciais.

Da “Conclusão” destaca-se que ainda que os Zapatistas e o MST tenham ações diretas entre suas principais táticas de luta, esses Movimentos apresentam diferenças entre si, inclusive no que se refere à área da educação, necessariamente vinculada aos aspectos políticos, econômicos e culturais desses Movimentos. O MST, segundo o autor, ao se aproximar, especialmente por intermédio das denominadas políticas públicas, do Estado brasileiro institucionalizou-se. Já os Zapatistas, que se recusam a receber recursos do Estado mexicano, mantiveram sua autonomia, porém, incorreram em isolamento em relação a outros setores das esquerdas mexicanas. No entendimento de Menezes Neto (2016, p. 206), os Zapatistas e o MST “[...] devem direcionar suas lutas contra o capital já bastante desenvolvido – tanto no México como no Brasil – e não se isolarem ou se institucionalizarem em governos que defendem o modelo do capital.”

Considera-se importante o aprofundamento das discussões apresentadas pelo autor, principalmente no que se refere aos desafios e às implicações decorrentes da institucionalização, da autonomia e do isolamento, em especial na atualidade,

quando as conjunturas políticas, econômicas e culturais brasileiras e mexicanas passam – sem desconsiderar fatores estruturais nem questões geopolíticas internacionais –, se cotejadas com o momento analisado por Menezes Neto, por significativas alterações, com necessários e relevantes impactos para esses Movimentos, especialmente em relação a ações diretas.

Do México destacam-se, por exemplo, a aprovação, em 2017, da Lei de Segurança Interna – que abre precedentes para intensificação, com respaldo legal, da criminalização e da repressão estatal a iniciativas de resistência, como, por exemplo, movimentos sociais – e o apoio do Movimento Zapatista a María de Jesús Patricia Martínez, popularmente mais conhecida como Marichuy, como *vocera* do Congreso Nacional Indígena e do Consejo Indígena de Gobierno na candidatura independente para a eleição presidencial, em 2018. Do Brasil destacam-se o golpe, que, em 2016, resultou na cassação da Presidenta Dilma Rousseff, as denúncias ou os processos judiciais contra diversas lideranças do Partido dos Trabalhadores e a eleição, prevista para 2018, para a Presidência da República, inclusive. Há que se considerar, ainda, para além desses fatores, a intensificação das históricas lutas pela terra, lutas essas que se agravam na atualidade, em decorrência do avanço do capitalismo no campo e da atuação de corporações, nacionais ou transnacionais, ligadas ao agronegócio, à mineração, entre outros setores da economia, que contam com respaldo, explícito ou implícito, dos governos desses países. Isso implica, direta ou indiretamente, violações dos Direitos Humanos, além de outros impactos negativos, em especial para as classes trabalhadoras do campo.

Portanto, o livro em referência é uma importante contribuição para o debate acerca, principalmente, da educação e dos movimentos sociais, em uma conjuntura de tendência de acirramento

das históricas disputas e controles em torno da educação.

*Recebido em 2018-03-30*

*Publicado em 2018-04-14*

---

\* **CLÁUDIO RODRIGUES DA SILVA** é doutorando em Educação na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília-SP.

<sup>1</sup> Professor de Graduação e de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da Universidade Federal

de Minas Gerais (UFMG). Autor, entre outras produções, de diversos artigos, capítulos e livros relacionados à temática da educação e movimentos sociais.